

Pelos caminhos da cidade: histórias e memórias afetivas de experiências na pesquisa

Francisca Ilmar de Sousa¹

Resumo: A comunicação tem por objetivo discutir experiências adquiridas com a pesquisa acadêmica, em que o fio condutor relaciona as temáticas da cidade, da noite e da prostituição. Estas experiências abriram novas possibilidades para repensar as distintas abordagens, teórica e metodológica; a postura do pesquisador; e as questões inerentes à ética na pesquisa. Estas múltiplas experiências, compartilhadas na vivência do trabalho de campo, são vitais para resguardar “nossos objetos de estudo”, reforçar a necessidade de compromisso com a construção de outras histórias, e recuperar o cotidiano de grupos que, mesmo na contemporaneidade, são percebidos como mal necessário. Conclui-se que estas experiências levam à reflexão do papel da ética na pesquisa, assim como a repensar novos atores, desconsiderados anteriormente pela história oficial.

Palavras-chave: Prostituição. Cidade. Ética.

Abstract: The communication intends to discuss experiences acquired with the academic research, in which the conductor thread relates the themes of the city, the night and the prostitution. These experiences opened up new possibilities to think over the distinct approaches, theoretical and methodological; the researcher’s attitude; and the matters inherent to the ethics in the research. These multiple experiences, shared in the everyday of the camp research, are vital to safeguard “our study objects”, reinforce the necessity of the commitment with the construction of other histories, and recover the quotidian of the groups that, even in the contemporaneity, are understood as a necessary evil. It is concluded that these experiences lead to the reflection of the role of the ethics in the research, as well as to think over new actors, anteriorly disregarded by the official history.

Key-words: Prostitution. City. Ethics.

Introdução

A comunicação remete à discussão da experiência adquirida nas atividades de pesquisa, mais propriamente, com o trabalho de campo no mundo da prostituição. Assim, é possível perceber a relação entre temas, tais como meretrício, cidade, noite, histórias, narrativas, ética; de forma a refletir acerca do cotidiano de atores sociais e da atividade de pesquisa, e também reconhecer comportamentos transgressores essenciais à nossa existência, uma vez que são eles que nos fazem repensar dimensões da vida humana que foram esquecidas em nome de modelos consensuais e distantes de nós.

¹ Licenciada e Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professora da Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

Este exercício levou a lembrar o tempo proustiano, um tempo que é possível recuperar ao ouvir canções e outros sons, ou sentir cheiros, os quais marcaram muitos momentos vivenciados no mundo da prostituição, na cidade de Fortaleza. As falas também marcaram, assim como as histórias. Assim, foi possível aprender a escutar histórias – atitude por demais esquecida por muitos de nós, e reafirmada por Rubem Alves (1995), quando diz que todo ouvido é vaginal, não importando se masculino ou feminino, pois ele se encontra à espera de ser penetrado, por coisas boas ou ruins. As boas ficam; as ruins, aquelas que não nos interessam, “entram por um ouvido e saem pelo outro”. Não é à-toa que nos referimos à ideia de “emprenhar pelos ouvidos”. Da mesma forma, Rubem Alves lembra que a fala é masculina, uma vez que ela começa timidamente, baixinha, vai num crescendo e penetra o ouvido, seduzido pela palavra. Principalmente, se esta palavra leva ao mais recôndito caminho das lembranças e das narrativas.

Assim, a imersão no campo e a observação foram fundamentais nesta aventura científica, ao lembrar os caminhos percorridos no Centro da Cidade em direção ao mundo da prostituição. Desta forma, foi fundamental re-aprender a olhar, o que é bem diferente da ação de ver.

Estas experiências nasceram da reconstrução de depoimentos coletados por meio da metodologia da história oral, da observação participante, dos contatos com donos de prostíbulos, com as prostitutas e seus clientes. A recuperação da história de vida destes atores sociais foi vital para compreender o papel essencial da ética na pesquisa, haja vista que o compromisso com a produção do conhecimento depende do cotidiano e da visão de mundo dos entrevistados, de como compreendem sua história de vida, e da sociedade, em geral. Assim, seja a memória coletiva, como lembra Halbwachs (1990), ou um processo individual, como destaca Portelli (1981), tornam-se essenciais os cuidados éticos com a coleta de material e sua manipulação e análise, da mesma forma que com a relação tênue entre entrevistado e pesquisador.

1 As observações de campo

Ver é por demais superficial; mas olhar significa ir além do que é visível, é transpor barreiras as quais o simples ato de ver está impossibilitado de fazê-lo. O olhar nos permitiu

observar a existência do que denominamos cliente especial². E somente passamos a enxergá-lo quando iniciamos o processo de gravação das histórias de vida com prostitutas.

Até então, observávamos os homens chegando e saindo dos prostíbulos; entrando e saindo dos quartos com prostitutas; dançando e bebendo; conversando e rindo; e o ritmo frenético de mulheres por entre as mesas, nas ruas, à noite. A questão central que nos colocávamos, àquela época, era: o que eles viam e o que buscavam tanto nos prostíbulos? Afinal, o que elas têm que as outras não têm? O riso fácil, certamente. A disponibilidade, a sociabilidade, o descompromisso, como entende Adler (1991), a quebra de paradigmas, os comportamentos transgressores.

Foi possível também aprender a olhar melhor para a cidade. Esta cidade, localizada em uma região que convive com inúmeras dificuldades, como a seca constante; e em consequência disso, a migração de famílias inteiras para os centros urbanos em busca de sobrevivência, levando ao agravamento das condições de miséria tão decantadas nas estatísticas de Índices de Desenvolvimento Humano. Este contexto faz também surgir estratégias as mais distintas de sobrevivência, como, por exemplo, a prostituição, trazendo mais um fenômeno que marca nossa Cidade: a cidade que oferece prostitutas, sol, praias e seduz aquele que a visita. Destarte, Fortaleza ficou marcada pela ideia de ser uma cidade de veraneio, diferentemente de uma São Paulo, cidade voltada para o mundo do trabalho.

A ideia de cidade geralmente remete ao caos; ao desenvolvimento; a um ritmo frenético de idas, permanências e retornos ao mundo do trabalho; às distintas possibilidades de entretenimento, seja de dia ou de noite. A cidade é então entendida como um espaço dinâmico, corrido, de tensão, de diversão, violência, progresso, oportunidades, de aglomeração, contrapondo-se a um ritmo e a um tempo diferente do que acontece fora das cidades, no interior do Estado, mas fora da Capital, isto é, naquilo que identificamos por interior, e que corresponde aos municípios, distritos, em síntese, ao campo, em uma versão mais européia. (FERREIRA, 1999).

... o campo e suas representações costumam vir associados a formas de vida social consideradas simples e puras, enquanto a cidade vincula-se à ideia de centros de empreendimentos, modernidade e progresso. A essas representações colocam-se combinações negativas que constroem a cidade como espaço do egoísmo, da competitividade, do perigo, da ambição... (MATOS, 1999: 60).

² Os clientes especiais são aqueles que procuram algo mais que não apenas o sexo convencional e que dificilmente encontrariam fora dos territórios da sexualidade, principalmente se partirmos da clássica concepção dual entre mulher casada e prostituta. (SOUSA, 1998).

Foram outras possibilidades adquiridas a partir de outros olhares para a cidade, que nos levaram a querer observar o fenômeno da prostituição, ou seja, prostitutas e seus clientes. Afinal, como poderíamos enxergar um cliente tão especial se não tivéssemos passado pela experiência da escuta de narrativas e de lembranças, assim como reaprender a olhar? É muito simplório ouvir histórias fragmentadas, descontextualizadas, sobre o que acontece nos quartos entre uma prostituta e um cliente. Costurar estas muitas lembranças, contadas em um ritmo fora do tempo cronológico, linear, e depois compreender as demandas destes sujeitos (prostitutas e clientes) é que era o desafio maior.

2 A cidade noturna

Foi na noite de Fortaleza que nos deparamos com outros grupos sociais que procuram preservar boa parte de sua energia para consagrá-la à noite. Desta feita, passamos a conviver diariamente, por muitos anos, com prostitutas e seus clientes, mirins³, bêbados e loucos que perambulavam pela cidade.

Por todos os lugares que passam e circulam [bêbados, prostitutas e bocós] dão forma, sentidos, contornos e sabores revelando o cheiro de vida que sacode as narinas enclausuradas pelo olho do poder da cidade. [...]

Os bares se enchem de vida e nos pedaços de seu território encobrem, na sua magnitude sonora, os corpos que lá se aglomeram para esquecer – por alguns momentos que seja – as dores de todos os dias. (VASCONCELOS, 2005: 12).

Sabrina, conhecida prostituta que freqüentava o 705⁴, conhecia muito bem a estratégia da escuta, das narrativas; ela levava a profissão a sério. Como ela mesma costumava dizer: “Se sou prostituta, tenho que receber qualquer homem, não ficar por aí rindo à-toa, brincando, me embriagando. Tenho que cuidar da vida, pois o tempo passa rápido”. Dizia ainda que não era uma “mulher quente”, que não esquentava cama com nenhum homem, pois não gostava de sexo, nunca teve prazer com nenhum homem. Mas eles sempre queriam sair com ela, mesmo que fosse uma única vez. Depois, viam que era “uma geladeira”, e, carinhosamente, ajudavam-na com algum dinheiro, mas não queriam mais ir para a cama com ela. Não era de se estranhar que fosse uma das mulheres mais procuradas do prostíbulo, pois além de se vestir a caráter – geralmente usava vestidos vermelhos, longos, colados ao corpo, com decotes generosos, salto alto, certo ar de seriedade, mistério e sedução, o olhar distante –, sabia, como poucas, “emprestar os ouvidos”.

³ Mirins são menores infratores que vivem de furtos e roubos, principalmente no centro da cidade.

⁴ O 90 e o 705 são dois famosos e conhecidos prostíbulos, localizados no Centro de Fortaleza, e que se tornaram nosso campo de pesquisa.

Foi assim que chegamos ao mundo da prostituição: com muita curiosidade e vontade de aprender, principalmente as regras da sedução. Assim, conhecemos outra que também sabia “alugar os ouvidos”, mas que, diferentemente de Sabrina, era considerada uma mulher “quente”, boa de cama. Também freqüentava o extinto 705. Cabelos ao vento, sorriso fácil, ganhava dinheiro suficiente para bastar a suas necessidades da semana, em uma noite; mas, na seguinte, retornava ao prostíbulo para beber, sair com os amigos e transar; não para fazer programa. Voltava para a casa, pela manhã, sem nenhum tostão, mas feliz porque, segundo ela, soubera aproveitar a noite e a vida.

Quando saía às ruas, as duas, andando pelo Centro da cidade, os homens pareciam enfeitiçados por ela. Foi quando nos decidimos a descobrir o que era ser uma mulher boa de cama; afinal de contas, era um fato por demais importante para a pesquisa. Perseguimos este fenômeno, em nome da ciência – até matá-la de cansaço e fazê-la revelar seu segredo.

Ela, então, narrou sua estória. Disse que, um dia, apresentaram a ela um sujeito que diziam ser muito bom de cama também, para ver o que poderia acontecer. Os dois beberam, conversaram e resolveram terminar a farra fora do 705, pois aquele espaço era pequeno demais para o encontro dos dois. Saíram para as ruas da cidade à noite, seus bares, barulhos, e, de madrugada, os dois embriagados, resolveram ir a um motel. Tiraram a roupa, meteram-se debaixo dos lençóis, olharam um para o outro e... Decidiram então preservar suas famas, não contando para ninguém que eles não eram bons de cama, de fato. Eis a lição: ser bom de cama é fazer do jeito que se quer, na hora que se quer e com quem quiser.

Depois desta experiência, observamos que modelos e manuais, mais que ajudar, podem atrapalhar a criatividade humana, embora, em muitos casos, eles tenham a pretensão de ensinar como ser bons vendedores, estudantes, filhos, pais, amantes, cozinheiros, sedutores... A lista é infundável!

Nos prostíbulos, é possível aprender a olhar e a escutar. Foi assim que percebemos que um prostíbulo e uma prostituta não são apenas um *locus* para descarga libidinal, quer dizer, um homem não vai a um prostíbulo somente para manter relações sexuais com uma mulher. Elas possuem muitas funções esquecidas por nós, como, p. ex., a escuta silenciosa, sem emitir opiniões, julgamentos, juízos de valor, quer dizer, sabem emprestar também seus ouvidos; as prostitutas são companhias para tomar uma cerveja; acompanhar solitários em eventos etc.

A entrada na prostituição – como multiplicadora e, posteriormente, como pesquisadora – ocorreu em um contexto que transformou nossas sexualidades, assim como possibilitou falar mais abertamente delas, dando visibilidade àqueles que não podiam expressá-las. Deste modo, estas duas mulheres, a profissional e a boa de cama, eram estranhas: uma, que não aparecia

nos tratados e discussões sobre prostituição (aquela que ria e gozava); a outra, também não, já que não gostava de fazer sexo. A literatura sempre as apontava como mulheres de uma sexualidade desenfreada, selvagem, de quem um só homem não daria conta; daí o fato de estas mulheres se tornarem prostitutas, transgressoras, mundanas, urbanas. Uma destas prostitutas, Juliana, tornou-se “objeto de estudo” também de nossa tese, pois ela surpreendia em sua dinâmica de elaboração de estratégias de sobrevivência: transitou por dois dos três espaços a que denominamos territórios da sexualidade: a prostituição e a revista *Private*. Ela é, conforme destacaram, a própria modernidade.

Juliana nos levou a descobrir outros territórios, tão frágeis quanto o da prostituição, tão ou mais transgressores, sensuais e sexuais quanto o da prostituição. Mas ela não encontrou o que tanto procurava, como todo ser humano procura, independente dos territórios que frequente: o amor e a felicidade. Recebeu propostas de casamentos com homens paupérrimos, desempregados, de cor; homens ricos, excêntricos e brancos; homens “bem dotados”, que faziam questão de mensurar “seu instrumento de trabalho”; homens não tão “bem dotados”, mas que procuravam seduzir de outras formas, com outros instrumentos assessoriais para suprir o que consideravam como carência.

A sexualidade humana, ou, melhor dizendo, as distintas formas de expressão da sexualidade, nos leva a entender melhor a necessidade contínua deste mundo da prostituição e do outro, já que somos educados para domesticar os sentimentos e suas formas de significação, de pensar sempre dicotomicamente: bem e mal; certo e errado; homo e hetero; concepção e prazer; mulheres casadas e prostitutas... Tudo tão separadinho que impede a visão mais ampla da vida.

O interesse por ambientes como os prostíbulo, que a cidade oferecia, principalmente à noite, nos chamou a atenção para os fenômenos que parecem acontecer na calada da noite, ou melhor, que se iniciam na boquinha da noite nas cidades. O centro das cidades cheiram à álcool, a todos os outros cheiros mal-ditos e até não-ditos, mas calados, sussurrados em surdina, como é o caso das atividades consideradas marginais, do sexo fora dos padrões estabelecidos – aqueles que acontecem em motéis, prostíbulo, ou mesmo na rua, o denominado “motel calango”, pois tem apenas os muros da cidade e os *voyeurs* noturnos como testemunhas.

E, de repente, nos encontramos pesquisando aquilo que não era dito e que achávamos que já haviam dito, uma vez que acreditávamos que era fácil enxergar. Pelo menos foi nisso que acreditamos. De qualquer forma, recortamos teórica e metodologicamente “nosso objeto”

de estudo: a prostituição feminina, adulta, de prostíbulos, sem gigolôs, em dois ambientes, o 90 e o 705, no Centro de Fortaleza.

Não nos apercebemos, durante certo tempo, embora depois foi ficando cada vez mais evidente, que este recorte passava pela ludicidade, pela sociabilidade dos prostíbulos; rejeitávamos de todas as formas e não queríamos mesmo falar sobre violência (física ou psicológica) de quaisquer fenômenos que fôssemos estudar; queríamos entender aquele riso fácil em muitas mulheres e homens; suas tragédias também eram inevitáveis, mas esquecidas naqueles ambientes. Passamos a entender que a prostituição era uma questão de casal, quer dizer, era impossível falar da prostituta, desatrelada, apartada do cliente; falar dele sem falar nela, mais impossível ainda. Foi assim que optamos por trabalhar com os dois, observar os dois.

Ousadia jovial; loucura de cientista louco das Ciências Humanas. Sentíamos-nos bem procurando entender os motivos que as levavam à prostituição, da mesma forma que desafiávamos os espaços do conhecimento positivista – afinal, o que era o objeto mesmo da Sociologia, do Serviço Social, da Psicologia, da História? Como separar estas áreas do saber para falar deste e de outros temas?

Como falarmos do interesse pelo Centro da Cidade à noite? Do interesse em conhecer aquelas ruas na calada da noite, onde apenas os homens se arriscavam a frequentar; que apenas um tipo de mulher, vadia, horizontal, da vida erradia, se atrevia a passear pelas calçadas; aliás, calçadas que dividiam somente com os mirins, bêbados, desocupados, mendigos, loucos e seus clientes. Como criar um sentimento de pertença naquele espaço e saciarmos a curiosidade de cientista e de mulher? Na verdade, como não conseguíamos separar estas coisas, como explicar que não estávamos ali para salvar aquelas mulheres, mas apenas para ouvi-las, observá-las e aprender com elas e eles? Nunca tivemos a pretensão salvacionista, mas antes mesmo que surgisse a tão famigerada pergunta: “Por que você não sai desta vida”, uma delas, que se tornou “objeto” da dissertação e da tese, respondeu: “Você vai me dar um trabalho melhor que este? Pois saiba que é aqui que encontro meus paqueras, namorados, é de onde tiro meu almoço, janto, ganho dinheiro, e ainda gozo. Me dê um motivo mais forte para que eu possa sair daqui”. (SOUSA, 2004).

Mas a surpresa maior residia no fato de pouco encontrar estas coisas ditas na literatura – parecia que este cotidiano noturno das cidades e da prostituição não condizia com a teoria; parecia que havia censura à literatura que tratava deste tema. Mas, com a arte, as coisas eram diferentes: poesia, música e pintura reproduziam fielmente este cotidiano, principalmente o centro das cidades à noite!

Maria Izilda Matos (2000), analisando as letras de músicas de Lupicínio Rodrigues, desnudas estas relações noturnas uma vez que a noite proporciona uma mistura que pode ser perigosa para alguns como é o caso do álcool, da música, das dores de amor, da proximidade com prostitutas, que levou e tem levado muitos ao abandono do mundo trabalho e de suas famílias, como foi o caso d'O ébrio.

2 Sociabilidade e ética na pesquisa

Distintas formas de sociabilidade, seja a encontrada no mundo do trabalho ou da prostituição, congregam e aproximam pessoas de uma maneira que, de outra forma, talvez não fosse possível ocorrer. É o caso, por exemplo, de alguns territórios da sexualidade, definidos para a pesquisa de doutoramento: os territórios dos classificados eróticos (jornal Diário do Nordeste, de Fortaleza, e da Folha de São Paulo), da revista *Private* e da prostituição.

Trabalhar com estes grupos que são considerados pela sociedade como desagregadores das famílias ou, por outra, fundamentais e, portanto, mal necessário para a pacificação destas e da comunidade, implica maior responsabilidade no que se refere às questões éticas na investigação acadêmica, exatamente por sabermos que seria difícil encontrar repercussões negativas para o pesquisador.

As diretrizes éticas talvez representem [...] não só uma proteção de que dispõem os entrevistados contra a manipulação, por parte do entrevistador, como também uma proteção deste contra reivindicações dos entrevistados – ou seja, depois de cumpridas as etapas predeterminadas, nossa liberdade é total, uma vez que não podem processar-nos. (PORTELLI, 1981: 13-14)

Portanto, compreendemos que uma das preocupações fundamentais, que é a base da ética na pesquisa, seria o respeito ao outro: “o respeito pelo valor e pela importância de cada indivíduo é, portanto, uma das primeiras lições de ética sobre a experiência com o trabalho de campo...” (PORTELLI, 1981: 17).

Na verdade, estas memórias transgressoras emergem sempre que somos levados a refletir sobre comportamentos adequados à nossa vida em sociedade; sempre que somos chamados a entender comportamentos de jovens, de loucos, de prostitutas, de mendigos e de tantos outros que vivem à margem da cidade e da sociedade. Eles possuem aquilo a que hoje se convencionou denominar de capital social. Todos eles têm algo para nos ensinar, lá do lugar que estão ocupando agora, com suas experiências, narrativas, lembranças e muitas histórias.

Os estudos urbanos reconhecem a pesquisa empírica como elemento indispensável para detectar a constituição das cidades e de suas tensões, analisando as transformações por que passaram e como se constituíram. Novos corpos documentais vêm sendo valorizados e através dos olhos dos seus contemporâneos ajudam a desvendar as cidades que não existem mais. (MATOS, 2002: 36).

Portanto, perceber que “experiência, neste enfoque, não é origem de nossa explicação, mas sim o que queremos explicar” (SCOTT, 1981: 325), reporta à discussão sobre a fragmentação de eventos rememorados nos momentos de coletas dos dados, mais especificamente, no decorrer das entrevistas. Daí a necessidade de compreender as rupturas que surgiam no discurso dos sujeitos, bem como as continuidades-descontinuidades que se tornaram evidentes nos depoimentos, ou seja, no movimento que a memória realiza. Outro aspecto que merece ser destacado é o fato de perceber que, ao buscarmos os depoimentos de sujeitos singulares, podemos estar adentrando discussões que certamente reacenderão lembranças e sentimentos traumáticos, talvez não cicatrizados. Em vários momentos, os sujeitos podem não querer, ou até mesmo não os lembrar.

Logo, o mérito de trabalhar com a memória é, sobretudo, a oportunidade de abordagem da história não só de indivíduos, mas de comunidades e de grupos que não interessam à história oficial. É uma forma diferente de se ler o social pelas lentes daqueles que também fazem histórias, no cotidiano da casa, e não só da rua; da noite, e não só do dia; do lazer, e não só do trabalho. Assim, percebemos o quão significativo é trabalhar com as categorias espaço e tempo na rememoração de histórias, já que a memória dilui-se em um tempo não-linear, e em um espaço não cristalizado pelo tempo e pela própria memória social. São possibilidades de se fazer a mesma história de diferentes maneiras e enfoques que instigam o pesquisador a trilhar os caminhos da memória.

São estas narrativas que, ao emergirem, nos levam a repensar o cotidiano classificador de convenções e paradigmas, tão arraigados a ponto de se tornarem praticamente naturais, a ponto de merecem um pouco mais de reflexão, sem esquecer que também são interpretações, como quaisquer outros documentos escritos, oficiais ou não.

Considerações gerais

Acreditamos que as diversas experiências dos sujeitos, registradas em seus depoimentos, confirmam, primeiro, as múltiplas formas de se viver as experiências cotidianas. Também, o que pode ter sido uma experiência negativa para alguns, pode ter se configurado como experiência positiva para outros, entendendo por negativo e positivo os acontecimentos

que marcaram suas vidas e que despertaram sentimentos de mágoa/dor ou de saudosismo. E, por fim, questionamos a frágil definição de conceitos que se pretendem sejam aplicáveis em quaisquer segmentos e contextos sociais.

Foi fundamental compreender esses movimentos da memória, assim como as especificidades do trabalho de campo com a técnica da história oral, principalmente da história de vida. Desta maneira, foi possível não interromper o trabalho de campo nos vários momentos em que decisões deveriam ser providenciadas, como foi o caso de respeitar os intervalos prolongados de silêncio do entrevistado, ou nas ocasiões em que surgiram dificuldades de encontrar clientes dispostos a falar sobre sua sexualidade para uma desconhecida. Esses e outros obstáculos, posteriormente superados, também são merecedores de análise, considerando as questões metodológicas, éticas e conceituais que podem ser essenciais na definição dos rumos da investigação acadêmica.

Referências

- ADLER, Laure. **Os bordéis franceses (1830/1930)**. São Paulo: Companhia das Letras/Círculo do Livro, 1991.
- ALVES, Rubem. **O retorno é terno**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- FERREIRA, Jerusa Pires. Campo e cidade: uma história na voz de poetas e de seus protagonistas. In: **Projeto História**: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, nº 19 (1981). São Paulo: EDUC, 1981.
- MATOS, M. Izilda Santos de. **Cotidiano e cultura**: história, cidade e trabalho. Bauru: EDUSC, 2002. v. 1.
- _____. **Meu lar é o botequim**: alcoolismo e masculinidades. São Paulo: Companhia e Editora nacional, 2000. (Brasileira. Novos Estudos).
- _____. Entre o campo e a cidade: tensões e polêmicas em torno das indústrias de juta. In: **Projeto História**: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, nº 19 (1981). São Paulo: EDUC, 1981. São Paulo: Loyola, 1993. (Coleção Filosofia, 25).
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice: Revista dos Tribunais, 1990.
- PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um poquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: **Projeto História**: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, nº 15 (1997). São Paulo: EDUC, 1997. São Paulo: Loyola, 1981. (Ética e História oral, 15).
- SOUSA, F. Ilnar de. **O cliente**: o outro lado da prostituição. 2. ed. Fortaleza/São Paulo: Secretaria de Cultura e Desporto/Annablume, 2000.
- _____. **Os territórios da sexualidade**: permanências e mudanças. Tese de doutoramento. (Digitada). Curso de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.
- VASCONCELOS, Gerardo José. Coisas, fendas e inefabilidade nas ruas da cidade ou simplesmente uma apresentação. In: VASCONCELOS, Gerardo José; ADAD, S. J. Holanda. (Orgs.). **Coisas de cidade**. Fortaleza: Editora UFC, 2005.